

A RELEVÂNCIA DA IMAGEM NA FORMAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE AS PEDAGOGIAS DO AUTOGOVERNO

Amarildo Luiz Trevisan¹
Adriana Moreira da Rocha Veiga²
Neiva Viera Trevisan³

“A educação certamente deveria prestar atenção a essa nova cultura, tentando desenvolver uma pedagogia crítica que estivesse preocupada com a leitura de imagens” (KELLNER, 2011, p. 105).

Resumo: O artigo discute a interpretação do conceito de imagem intrinsecamente relacionada ao desenvolvimento da formação, indo além da mera escolarização. A problematização desse conceito, como algo que transcende a simples reprodução da realidade, é essencial para compreendê-lo, especialmente no âmbito dos Estudos Culturais. As imagens não apenas transmitem informações, mas também influenciam a percepção e o comportamento das pessoas. A hipótese é que essa associação desempenha um papel central na compreensão das pedagogias contemporâneas, que buscam promover o autogoverno das condutas e das práticas sobre si. Conclui-se que tal abordagem incide na concepção tradicional da formação humana, especialmente no controle externo dessas condutas.

Palavras-chave: Estudos Culturais; Imagem; Formação; Pós-modernidade; Pedagogias.

¹ Universidade Luterana do Brasil – E-mail: trevisanamarildo@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3575-4369>.

² Universidade Federal de Santa Maria – E-mail: adriveyga@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5804-3375>.

³ Universidade Federal de Santa Maria – E-mail: neivavtrevisan@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1857-5545>.

THE RELEVANCE OF IMAGE IN EDUCATION: REFLECTIONS ON THE PEDAGOGIES OF SELF-GOVERNANCE

Abstract: The article discusses the interpretation of the image concept intrinsically linked to the development of education, going beyond mere schooling. Problematising this concept, as something that transcends the mere reproduction of reality, is essential to understand it, especially within the scope of Cultural Studies. Images not only transmit information but also influence perception and behavior. The hypothesis is that this association plays a central role in understanding contemporary pedagogies, which seek to promote self-governance of conduct and practices. It is concluded that this approach challenges the traditional conception of human formation, particularly the external control of such behaviors.

Keywords: Cultural Studies; Image; Education; Postmodernity; Pedagogies.

INTRODUÇÃO

O artigo procura debater a ideia da centralidade da imagem como um signo, que coloca em crise toda a história da formação humana. As imagens são mais do que meros espelhamentos da realidade, pois carregam consigo significados e simbolismos que refletem as dinâmicas culturais e sociais de uma determinada época. Essa compreensão, advinda dos Estudos Culturais, nos permite questionar e repensar os propósitos e objetivos da formação humana, considerando a relevância das imagens na construção do conhecimento e na formação de identificações individuais e coletivas.

A problematização do conceito de imagem, como algo além da mera reduplicação do real, é um dos elementos-chave para compreender a pós-modernidade, de acordo com os Estudos Culturais. Nesse cenário, as imagens não apenas comunicam informações, mas também moldam a percepção e o comportamento das pessoas. Elas desempenham um papel central na compreensão

das pedagogias do presente e suas reivindicações relacionadas ao autogoverno das condutas e das “práticas de si” (CAMOZZATO, 2014, p. 587). Em contraste com a concepção clássica que envolvia um governo externo das pessoas, como abordado no conceito de pastoreio por Foucault (2008), as imagens (in)formativas da cultura não são mais vistas como simples reflexos da realidade, mas como elementos que criam e transmitem significados em si e entre si. Na verdade, no acontecer de sua compreensão, elas se transformaram em signos, ou seja, a impressão psíquica lhe concede uma existência arbitrária, como bem assinala Sontag ao falar da fotografia: “uma foto nunca é menos do que um registro de uma emanção (ondas de luz refletidas pelos objetos) – um vestígio material de seu tema, de um modo que nenhuma pintura pode ser” (SONTAG, 2004, p. 170).

Assim como a balança ser considerada o símbolo da justiça é uma arbitrariedade interpretativa, pois poderia estar no seu lugar um outro artefato qualquer, as imagens não são apenas significados, mas também significantes do real. Nesse sentido, ao analisar fotografias de corpos de atletas negros na imprensa, Stuart Hall comenta:

Cada imagem tem seu próprio significado específico. No entanto, em um sentido mais amplo sobre como a “diferença” e a “alteridade” são representadas em uma determinada cultura, num momento qualquer, podemos ver práticas e figuras representacionais semelhantes sendo repetidas, com variações, de um texto ou local de representação para outro (HALL, 2016, p. 151).

Reconhecendo que as imagens acumulam ou eliminam significados em relação umas às outras, Hall nos convida a compreender a relevância do conceito de “intertextualidade” para examinar criticamente como as representações visuais podem reforçar ou desafiar estereótipos, preconceitos e desigualdades presentes na sociedade. Por aí se observa a importância da leitura do contexto na atribuição de significado às imagens. Se analisarmos as fotografias no contexto mais amplo, podemos compreender como elas são moldadas e modificadas pelos discursos e representações

presentes na sociedade. Essa abordagem também enfatiza a importância de considerar as relações de poder e as narrativas culturais que estão envolvidas na produção e circulação dessas imagens.

Para comprovar essa hipótese, retomamos brevemente três momentos históricos, demonstrando como essa relação se manifestou evolutivamente no jogo de espelhamento entre cópia e original, sombra e luz, imitação e modelo, no qual a imagem era vista como uma mera duplicação do "real" em direção à busca de sua autonomia como signo. Essa análise, à luz dos Estudos Culturais, revela como as imagens adquirem significado no contexto cultural e social em que estão inseridas.

O primeiro momento é a Paidéia grega, influenciada pela alegoria da caverna de Platão, interpretada por Werner Jaeger no livro "Paidéia: a formação do homem grego" (1995). Nesse período, as imagens eram vistas como representações superficiais do mundo real, e seu significado era atribuído com base em estruturas de conhecimento culturalmente construídas.

O segundo momento é ilustrado no livro XI das "Confissões" (1992) de Santo Agostinho, em que a imagem é associada ao pecado e à ilusão. Esse contexto revela como as imagens são permeadas por valores e crenças religiosas que moldam sua interpretação e influenciam as práticas educacionais da época.

O terceiro momento é representado pela noção de *Bildung*, destacada por Gadamer em "Verdade e método" (1996). Nessa concepção, a formação humana é vista como um processo de autotransformação e abertura para novas perspectivas. As imagens desempenham um papel central nessa transformação, sendo interpretadas e reinterpretadas pelos sujeitos, conforme os contextos culturais e as interações sociais em que estão inseridas.

Como a filosofia da educação, à luz dos Estudos Culturais, pode se engajar na discussão da autonomia da imagem na pós-modernidade, considerando seu aspecto normativo que envolve não apenas o aspecto vivido, imerso na cultura visual, mas também o horizonte do desejável na educação, ou seja, o propósito da educação e sua finalidade? A resposta à questão busca redimensionar o papel da filosofia da educação e dos Estudos Culturais para contribuir com a discussão da autonomia da imagem na pós-modernidade. Para isso, é preciso considerar tanto o aspecto vivido e integrado na cultura visual quanto o horizonte do desejável na educação, incentivando uma análise crítica das imagens, uma alfabetização visual e a reflexão sobre a relação entre discursos visuais, verdade e formação humana.

Para abordarmos adequadamente o tema, é importante fazermos uso das contribuições de vários teóricos relevantes nessa discussão. Entre eles, destacam-se Hall (2016) e Kellner (2003) em relação aos Estudos Culturais; Bauman (1998; 2001), Foucault (2008), Gallo (2008), Lemert (2000), Toro (2014), Derrida (1991) e Maffesoli (2007) em relação à pós-modernidade; e Camozzato (2014; 2015) em relação às pedagogias do presente ou pedagogias do autogoverno. Esses autores fornecem *insights* valiosos sobre as dinâmicas culturais, os impactos da pós-modernidade, o papel da educação e as abordagens pedagógicas relevantes para a compreensão dos desafios atuais da formação.

Reconhecemos que a cultura visual desempenha um papel significativo na vida cotidiana e na construção do conhecimento, e é essencial explorar como essa cultura visual afeta à educação e o desenvolvimento dos indivíduos. Ao adotarmos uma abordagem metodológica embasada nos Estudos Culturais, buscamos analisar as práticas pedagógicas a partir de uma perspectiva crítica e contextualizada, o que implica em considerarmos os aspectos subjetivos e culturais envolvidos na produção, circulação e consumo de imagens, bem como as relações de poder e dominação presentes

nesse processo. Além do mais, levamos em conta a diversidade de perspectivas e vozes presentes na cultura visual contemporânea, reconhecendo a importância de incluir diferentes pontos de vista, refletindo criticamente sobre as complexidades e desafios enfrentados no contexto da formação humana.

A SUJEIÇÃO ONTOTEOLÓGICA DA IMAGEM

A centralidade da imagem como signo põe em crise a história da formação humana, uma vez que a imagem por excelência da formação é da “caverna platônica” – “uma imagem da Paidéia grega”, como já denominava Werner Jaeger no seu clássico “Paidéia: a formação do homem grego” (1995). Nela havia um jogo de espelhos entre a imagem de um referente sólido, fora da caverna, e a sua projeção em forma de sombras nas paredes ao fundo da caverna. O autor menciona a “caverna platônica”, que é uma metáfora utilizada por Platão para descrever a condição humana de estar preso em um mundo de ilusões e sombras, enquanto a verdadeira realidade está além dessas imagens projetadas. Essa imagem da caverna é considerada a representação por excelência da formação humana, visto que a ideia é que a Paidéia grega, envolvendo educação física, intelectual e moral, tinha como objetivo a formação integral do indivíduo e não apenas o seu olhar para as sombras da realidade. O jogo de espelhos mencionado representa a relação entre a imagem como representação de algo externo à caverna, como algo perene, imutável e metafísico, e as sombras projetadas nas paredes, sendo aspectos sensíveis e transitórios próprios do mundo vivido. Essa relação pode ser interpretada como a distância entre a imagem percebida e a verdadeira realidade. Assim, se consolidou uma tradição em que a constatação da imagem é considerada um elemento linguístico visual, com seu próprio vocabulário, gramática e semântica no contemporâneo, colocando em xeque a busca pela verdade e a formação plena do ser humano.

Na medievalidade, vai imperar uma “cristianização” desse debate, através do que Santo Agostinho denominou como “viver a eternidade no presente”, o “eterno hoje” (1992, p. 277). No livro XI das Confissões, ao procurar responder à pergunta crucial o que Deus fazia antes da criação, ele acaba concluindo que tal indagação não faz o menor sentido, pois: “Não é no tempo que Vós precedeis o tempo, pois, de outro modo, não seríeis anterior a todos os tempos” (1992, p. 277). Se Deus vive na eternidade, que é um eterno presente, portanto lá não há passado e nem futuro. Logo, se o indivíduo se mirar no presente se parecerá com o divino. Através dessa abordagem, Agostinho oferece uma visão que se alinha com a ideia de formação clássica ao buscar inspiração em um modelo a ser imitado. Nesse caso, quem precisa ser imitado ou seguido pelo ser humano sofrido e pecador é Deus. Ao mirar no presente e cultivar uma consciência do momento atual, o indivíduo se aproxima da ideia de eternidade no sentido de estar totalmente presente no agora, em vez de ser consumido pela ansiedade que muitas vezes resulta da preocupação com o passado ou o futuro. E ao refletir sobre a imagem de Deus e como ela pode se manifestar na experiência humana, Agostinho sugere uma maneira de encontrar paz e contentamento através da atenção plena no momento atual. No contexto da formação cultural, essa abordagem pode ter implicações significativas, pois no ato de se espelhar na imagem de Deus, os indivíduos são encorajados a buscar qualidades divinas como amor, sabedoria e bondade em suas próprias vidas. Essa perspectiva ressalta a importância da reflexão sobre a imagem para a pedagogia, que implica em compreender e buscar inspiração nos modelos ou ideais que são considerados valiosos e dignos de modelagem das condutas. Mas é importante observar que a interpretação e aplicação dessas ideias podem variar entre diferentes contextos e tradições, e a referência à Santo Agostinho é apenas uma perspectiva dentro de um amplo espectro de pensamento da filosofia.

Na modernidade, surge o conceito de *Bildung*, que substitui o conceito de *Paidéia*, mas com um mesmo objetivo fundamentalmente, provocar a desenvolvimento do ser humano pelo jogo entre imagem imitada e modelo por imitar (*Bild*). Segundo o filósofo Hans-Georg Gadamer, a palavra *Bildung* contém o radical *Bild*, que significa tanto "imagem imitada" quanto "modelo a ser imitado", o que representa um avanço em relação ao conceito de forma, que resulta em *Formierung* e *Formation*:

Realmente a vitória da palavra *Bildung* sobre a de *Form* não é casual, pois na *Bildung* está contido "imagem" (*Bild*). O conceito de forma retrocede frente a misteriosa duplicidade com que *Bild* acolhe simultaneamente "imagem imitada" e "modelo por imitar" (*Nachbild* e *Vorbild*) (GADAMER, 1996, p. 39-40).

A replicação de um modelo por meio de sua imagem está no cerne da formação cultural moderna, especialmente na filosofia de Hegel. Essa perspectiva enfatiza a importância de compreender a relação entre a leitura de imagens e a formação cultural, porém dando um passo adiante. Na tradição clássica, a educação estava frequentemente associada à imitação de um modelo ideal de ser humano. O aprendiz, estudante ou discípulo buscava imitar essa imagem idealizada como forma de alcançar a formação desejada.

No entanto, Gadamer sugere que o conceito de *Bildung* traz consigo uma compreensão mais ampla e dinâmica da formação. *Bildung* envolve não apenas a reprodução de uma imagem existente, mas também a criação e transformação de imagens. A formação está relacionada à capacidade de desenvolver e moldar nossa própria imagem, não apenas em termos de imitação, mas também de compreensão crítica, interpretação e autodesenvolvimento. Portanto, a citação de Gadamer destaca a necessidade de superar a concepção limitada de formação como mera reprodução de um modelo externo. A formação clássica, presa à ideia de imagem imitada e modelo por imitar, é desafiada pela compreensão mais

abrangente e dinâmica de *Bildung*, que envolve a criação e transformação de imagens como parte essencial do processo educativo.

Desse modo, ao interpretar uma imagem, buscamos compreender sua mensagem, contexto e significado, assim como a forma como ela nos afeta. Essa habilidade de interpretar imagens é fundamental para a construção do conhecimento e da cultura, permitindo que apreciemos e compreendamos a diversidade de expressões visuais presentes em diferentes contextos artísticos, históricos e sociais. A referência à filosofia hegeliana sugere que a formação cultural vai além da simples cópia de modelos, envolvendo também um processo de reflexão crítica e diálogo com as ideias e expressões culturais do passado e do presente.

À luz dos Estudos Culturais, como a filosofia da educação pode abordar o paradigma epistemológico moderno, conforme analisado por Richard Rorty em seu livro "A Filosofia e o espelho da natureza" (1988), que concebia a mente humana como um espelho que produzia representações, algumas mais claras e distintas do que outras? Esse paradigma científico, baseado na busca por reproduções exatas da realidade, influenciou a concepção de conhecimento na educação, com ênfase na transmissão de informações consideradas cientificamente válidas. No entanto, a perspectiva da *Bildung* moderna desafia essa visão, ao destacar a importância do desenvolvimento integral do indivíduo, incluindo aspectos morais, éticos e estéticos, para além do mero acúmulo de conhecimento científico. Como a filosofia da educação pode considerar essa crítica à reprodução de representações, promovendo uma formação que englobe uma compreensão crítica e reflexiva do mundo, é o que veremos a seguir.

AUTONOMIA DA IMAGEM NA PÓS-MODERNIDADE

A "virada da imagem como signo" refere-se a uma transformação na compreensão da imagem como um elemento central na cultura contemporânea, sob a perspectiva dos Estudos Culturais. Essa mudança significa que a imagem não é mais vista como um mero reflexo da realidade ou uma simples representação visual, mas como um signo que possui significado próprio. Ao reconhecer que as imagens têm a capacidade intrínseca de transmitir e comunicar significados, percebe-se também que elas têm o poder de transformar e influenciar a cultura, muitas vezes até de forma subconsciente ou inconsciente. Nesse caso, demanda o reconhecimento à crescente importância da psicanálise, da semiótica e da teoria crítica da imagem para compreender o papel das imagens na cultura contemporânea. Essa mudança fundamental na compreensão da imagem reconhece seu papel ativo na construção de significados e na formação de identificações culturais. No entanto, essa centralidade da imagem também traz consigo uma crise na cultura, pois pode levar a uma compreensão superficial da realidade e do desenvolvimento humano. Assim, a imagem no contexto pós-moderno se torna signo, isto é, ela se autonomiza do referente para melhor impulsionar o real, renunciando a sua função de ser mero espelhamento do real. É nesse sentido que Hall procura explicar o que ele chama de "estereotipagem", ou seja, "o funcionamento do que chamamos de 'o espetáculo do outro'", o qual se encontra presente na

grande quantidade de material existente sobre o tema na cultura popular contemporânea – por exemplo, a publicidade que utiliza modelos negros, as reportagens jornalísticas sobre imigração, os ataques raciais ou crimes urbanos e os filmes e revistas que tratam de 'raça' e 'etnicidade' como temas importantes (2016, p. 138).

Hall busca analisar como essas representações estereotipadas funcionam na cultura contemporânea, percebendo como elas são construídas e perpetuadas por meio de diversos meios de comunicação. Ele examina como essas imagens influenciam as percepções e as atitudes em relação ao "outro", reforçando estereótipos e construindo narrativas simplistas e preconceituosas. Assim, podemos compreender que Hall enfoca a importância de analisar criticamente essas representações estereotipadas, desvendando as ideologias e os discursos subjacentes. Reconhecer como essas representações são construídas e disseminadas na cultura popular e questionar suas implicações sociais e políticas são objetivos dos Estudos Culturais. Eles oferecem ferramentas para desnaturalizar essas representações e buscar uma compreensão mais complexa e contextualizada das identificações e diferenças culturais, além de promover uma reflexão crítica sobre as dinâmicas de poder e as relações de dominação presentes nessas percepções convencionais.

Nesse sentido, antigamente a dominação estava relacionada ao acesso aos bens da cultura escrita. No Brasil, por exemplo, a formação tradicional estava reservada às elites, que ocupavam cargos de poder. A imagem rompe com essa dominação sobre a cultura escrita e se torna o veículo dominante na pós-modernidade. Uma metáfora utilizada é a casa de vidro transparente, que simboliza o impacto das tecnologias modernas. Atualmente, não é mais possível se fechar ao mundo externo, mesmo em lugares isolados como sítios ou condomínios fechados. Estamos constantemente conectados e expostos a tudo o que acontece no planeta. As câmeras estão por toda parte, e a internet facilita esse contato instantâneo. No entanto, na pós-modernidade, a imagem se tornou mais do que um mero espelhamento da realidade, mas um signo que se autonomiza do referente e impulsiona o real. As imagens não precisam mais se limitar a reproduzir o que é fidedigno, mas podem criar novas

realidades e ideias. Essa transparência também traz desafios, como a disseminação de *fake News* e a dificuldade em distinguir a verdade.

A capacidade das imagens de criar novas realidades e ideias é inegavelmente poderosa, mas também traz consigo desafios significativos, especialmente na era da informação digital. Uma das preocupações mais prementes relacionadas a essa transformação é a disseminação descontrolada de notícias falsas, ou *fake News*. Com o advento da tecnologia digital e das redes sociais, qualquer pessoa pode criar e compartilhar informações, imagens e vídeos, muitas vezes sem seleção adequada. Isso resultou em um ambiente propício para a investigação de informações enganosas, prejudicando a confiança nas fontes de notícias e minando a busca pela verdade.

A disseminação de notícias falsas é um problema global que afeta não apenas a esfera política, mas também a saúde pública, a ciência, a cultura e muitos outros domínios. As imagens serem facilmente manipuladas para criar uma narrativa falsa ou distorcida podem tornar ainda mais difícil discernir a verdade. Como resultado, as instituições e os indivíduos enfrentam a tarefa árdua de verificar a veracidade das informações que encontram *online*.

Além disso, nossa relação com as imagens muitas vezes é descrita por problemas de compreensão e interpretação. Em um mundo inundado de imagens e informações visuais, a habilidade de analisá-las criticamente e contextualizá-las corretamente é essencial. No entanto, muitas vezes somos influenciados por imagens de maneira superficial, sem considerar seu contexto ou a intenção por trás delas, o que pode levar a conclusões errôneas e a uma compreensão distorcida da realidade.

Em última análise, a revolução digital e a capacidade das imagens de criar e divulgar informações trouxeram tantos benefícios quanto desafios. O desafio principal é encontrar maneiras de promover a alfabetização visual e a educação midiática para que as

peças possam navegar com discernimento no mundo saturado de imagens e discernir entre o que é real e o que é manipulado. Como observou Lemert, “O mundo mudou, e não para melhor” (2000, p. 21), por isso a responsabilidade de interpretar e avaliar as imagens de forma crítica é mais importante do que nunca.

Essa precariedade é evidente no mundo do futebol brasileiro e latino-americano. Atualmente, vemos os jogadores da primeira divisão indo atuar em outros mercados que pagam melhores salários, como a Europa, Estados Unidos, Oriente Médio e China. Vendemos a matéria-prima, que são os jogadores diferenciados, e precisamos pagar para assistir às imagens dos jogos onde nossos próprios atletas estão entre os principais protagonistas. Perdemos o referente local e olhamos para as sombras do que está acontecendo lá fora, mas não temos acesso direto à experiência original. O pós-modernismo apresenta a característica de substituir o real pelo virtual, o que tem um forte impacto em todas as atividades. Submissos num mar de cópias de cópias, sem um referente sólido a seguir, não é de estranhar que as pessoas busquem (in)formação nos *influencers*, os “tudólogos”, ou seja, os famosos influenciadores digitais, alguém, que não é um *expert* ou especialista no assunto.

O debate modernidade e pós-modernidade é importante para compreender as transformações sociais, políticas e culturais da contemporaneidade, mas exige uma abordagem crítica e plural, que considere as múltiplas perspectivas e vozes que compõem esse debate. A crítica à modernidade pode ser vista como uma oportunidade para repensar e redefinir os valores e práticas que regem a vida social, buscando uma maior inclusão, diversidade e respeito às diferenças. É claro que as respostas ao debate pós-moderno têm sido unilaterais, com entusiastas aderindo à nova moda, enquanto outros atacam a ofensiva pós-moderna contra o modernismo ou reagem com ambivalência e confusão.

Sílvio Gallo, em seu artigo intitulado “Pesquisa em Educação: o debate modernidade e pós-modernidade” destaca que a pós-modernidade não tem uma profundidade como muitos conceitos filosóficos como autonomia, emancipação, esfera pública, vontade e verdade:

No campo do pensamento social (penso aqui na Filosofia e nas ciências sociais de modo geral), fomos contaminados, desde meados da década de 70 do século XX, por essa expressão - pós-moderno; pós-modernidade; pós-modernismo – que advém dos meios artísticos, em especial da arquitetura, que faz todo o sentido neste contexto. Mas, de fato, não tem a força e a potência de um conceito. Alguns autores, em filosofia e em áreas afins das ciências humanas, tomaram e têm tomado expressões como “pós-moderno”, “pós-modernidade” como se fossem conceitos; no entanto, tais expressões são filosoficamente vazias (GALLO, 2008, p. 34).

Gallo sugere que alguns autores têm tratado essas expressões como conceitos, embora elas sejam, na verdade, filosoficamente vazias. Elas não possuem uma base conceitual sólida que as sustente e que permita uma compreensão precisa e consistente do que seria o pós-modernismo ou a pós-modernidade. Essa visão crítica traz um questionamento em relação ao uso indiscriminado e impreciso dessas expressões no campo das ciências humanas. E que é necessário um cuidado maior na utilização de termos como esses, de modo a evitar simplificações e generalizações que podem comprometer a precisão e a profundidade do debate intelectual.

O autor destaca que essas expressões foram inicialmente introduzidas no campo artístico, especialmente na arquitetura, e posteriormente foram adotadas em outros campos do pensamento social, o que vai ao encontro da sugestão de Lemert, de que, para compreender a pós-modernidade é preciso observar a mudança na cultura (LEMERT, 2000). Na arquitetura moderna, que se desenvolveu principalmente no início do século XX, a ênfase estava na simplificação, abstração e racionalização dos elementos

arquitetônicos. Essa estética de construção dos prédios incluiu o uso de linhas retas, formas geométricas simples e materiais industrializados, como aço e vidro. Ela foi influenciada por movimentos artísticos como o cubismo e o futurismo, que valorizavam a geometria e a tecnologia.

Já na construção pós-moderna, que surgiu na década de 1960 como uma reação à arquitetura moderna, houve uma volta à ornamentação, complexidade e variedade de formas e estilos. Ela incluiu o uso de linhas curvas, formas orgânicas e materiais naturais, como pedra e madeira. A arquitetura pós-moderna foi influenciada por movimentos artísticos como o pop art e o surrealismo, que valorizavam a subjetividade e a diversidade cultural. Assim, para distinguir uma época da outra, é possível observar traços culturais. Lemert (2000) chega a mencionar o espigão, um edifício moderno que domina a paisagem, representando a modernidade. Já o Museu de Arte Contemporânea de Niterói, projetado por Oscar Niemeyer, pode ser considerado uma obra pós-moderna, rompendo com a visão linear e trazendo curvas em sua arquitetura.

A partir dessa correlação entre as linhas retas e curvas na arquitetura, é possível fazer derivações ou implicações não apenas estéticas, mas também para a conduta das pessoas, os aspectos éticos. As linhas retas, características da arquitetura moderna, são associadas à simplicidade, ordem e racionalidade. Por um lado, essa estética pode refletir uma abordagem ética que valoriza a eficiência, a clareza e a objetividade nas ações e nas relações humanas. A retidão das linhas retas pode transmitir uma ideia de integridade, disciplina e rigor moral. Por outro lado, as linhas curvas, presentes na arquitetura pós-moderna, evocam uma sensação de fluidez, expressividade e diversidade. Essa estética pode ser interpretada como uma abordagem ética que valoriza a flexibilidade, a criatividade e a valorização das diferenças. As linhas curvas podem transmitir a ideia

de adaptabilidade, empatia e abertura para novas perspectivas e experiências.

No entanto, se a pós-modernidade é um conceito epistemologicamente vazio, como afirma Sílvio Gallo, do ponto de vista cultural é possível uma compreensão diferente do que está em questão. A pós-modernidade é um olhar para temas e problemas que não foram tematizados pela visão hegemônica da modernidade, mas sim em direção às margens. É uma atitude de encarar as bordas, as margens da filosofia, buscando uma visão descolonizadora e crítica em relação à visão eurocêntrica. Ou seja, é um ver direcionado para questões e problemas que não foram devidamente abordados pela visão eurocentrista, pelo sujeito branco cartesiano da modernidade. Por isso é uma abordagem que se aproxima da decolonialidade, buscando uma visão libertadora em relação à concepção eurocêntrica dominante. Ela é um olhar para as bordas, para a periferia, para a diferença, para o feminino, para as questões do racismo e às cosmovisões afrodescendentes e indígenas. Essas questões das margens agora se tornaram o centro do debate, com políticas de cotas e reparações voltadas para esses grupos. Os meios de comunicação estão constantemente atentos a esses temas e notícias sobre eles são frequentes. Portanto, a pós-modernidade é uma abordagem que amplia o olhar, que busca dar voz e espaço para aqueles que foram historicamente marginalizados. É uma postura crítica em relação à visão verticalizada de cultura e uma busca por uma compreensão mais inclusiva e diversa do mundo.

Nesse contexto, a pós-modernidade, mais do que uma fase subsequente à modernidade, é uma atitude de encarar as margens, as bordas da filosofia, buscando uma perspectiva crítica e descolonizadora. É como olhar para a casa da modernidade e perceber que algo mudou, uma atmosfera que se transformou. Essa transformação é influenciada pelas tecnologias, que nos conectam instantaneamente ao mundo e nos tornam transparentes, como uma

moradia de vidro. Ela não é uma fase que sucede a modernidade, mas sim uma mesma casa com algo que mudou, uma atmosfera que surge influenciada pelas tecnologias, que nos colocam em contato instantâneo com o mundo. A pós-modernidade é marcada pela transparência, pelas câmeras em todos os lugares, pela facilidade de comunicação proporcionada pela internet.

Nesse sentido, o sujeito pós-moderno é aquele que se posiciona em um contexto de diversidade e multiplicidade, que questiona as verdades estabelecidas e busca compreender e dialogar com as diferenças. É um sujeito em constante transformação, influenciado por diversas perspectivas e experiências de vida. Em uma entrevista dada ao jornal UH-Online, o filólogo da Universidade de Leipzig Alfonso de Toro assim define o sujeito da pós-modernidade

Um terceiro aspecto fundamental da pós-modernidade e que a leva a esse desenvolvimento da pluralidade radical e de uma grande multiplicidade de possibilidades é o descentramento do sujeito, que é uma teoria de Lacan. Simplificando, ela parte do pressuposto de que o indivíduo não pode ser definido por si mesmo — como se acredita no humanismo, como se aprende no cristianismo —, mas sempre através do outro. É nesse contato que nós temos agora há um intercâmbio de identidades, de culturas, de discursos, de códigos e se forma um terceiro. E assim se forma a identidade (2014, online).

Em relação ao "sujeito pós-moderno", trata-se de um indivíduo inserido em um contexto de diversidade e multiplicidade, que busca compreender e dialogar com as diferenças, questionando as verdades estabelecidas. É um sujeito em constante transformação, influenciado por diversas perspectivas e experiências de vida. O "sujeito pós-moderno" é atravessado por diversas narrativas provenientes de diferentes fontes, como narrativas de poder, narrativas de marketing e narrativas discriminatórias. "É a saturação do sujeito, a subjetividade de massa, o que chamei de "narcisismo de grupo" e outras formas de 'urgrund' coletivo", como afirma Maffesoli

(2007, p. 100). Gera-se assim, como manifesta Maffesoli, uma “saturação do conceito do indivíduo e da lógica da identidade” (2007, p. 98) e, como isso, um sentimento de desconforto, semelhante ao “mal-estar na civilização” mencionado por Freud, ao lidar com essa constante confusão e bombardeio. Por essa razão, para compreender minimamente o que é a pós-modernidade, Bauman escreveu o livro “O mal-estar na pós-modernidade” (1998).

O sujeito pós-moderno é alguém que questiona a perspectiva eurocentrista como ponto central de referência, muitas vezes negligenciando ou subestimando outras culturas ou perspectivas, e o progresso linear associados à modernidade. Ele reconhece que a modernidade ainda está presente, com seus prédios em construção e ruas abertas, mas a pós-modernidade não é uma fase subsequente, é uma experiência transformada dentro da mesma casa da modernidade. Enfim, é alguém que reconhece as transformações e os desafios do mundo contemporâneo, questionando as visões instituídas e buscando compreender a diversidade e a complexidade das experiências humanas, direcionando o olhar para as margens da sociedade. Intelectuais como Jacques Derrida, em seu livro intitulado justamente de *Margens da filosofia* (1991), argumenta que, em contraste com a tradição fonocêntrica que dominou a história da filosofia, atribuindo maior autenticidade, presença e significado à voz e à oralidade, é necessário “timpanizar a filosofia”. Nesse sentido, retomando a metáfora do martelo do Zaratustra nietzscheano, ele se pergunta:

Filosofar com um martelo, Zaratustra começa por se interrogar se será necessário arrebentar-lhes, romper-lhes os ouvidos (*Muss man ihnen die Oheren zerchlagen*), a golpes de címbalo ou de tambor, instrumentos, sempre, de uma qualquer Dionísia. Para lhes ensinar também a “ouvir com os olhos” (DERRIDA, 1991, p. 13).

Do ponto de vista dos Estudos Culturais, o que a citação de Derrida representa para as teorias educacionais na pós-

modernidade? A citação de Derrida pode ser interpretada como um convite para repensar a forma como entendemos a educação e a importância da imagem na construção de narrativas, na expressão artística, na publicidade, na comunicação visual e em diversas outras áreas. Ao mencionar a necessidade de ensinar as pessoas a "ouvir com os olhos", Derrida alude a importância de desenvolver uma abordagem educacional que vá além da simples transmissão de conhecimento verbal. Torna-se necessário então abrir os ouvidos para o que está acontecendo, estar atento ao que o mundo está dizendo e não se limitar ao monólogo convencional. É um convite para observar e escutar além das perspectivas estabelecidas, reconhecendo a importância das vozes e experiências que historicamente foram marginalizadas ou silenciadas.

Nesse aspecto, a filosofia da educação na pós-modernidade busca romper com a ênfase comum na palavra falada como única forma de comunicação e conhecimento. Ela reconhece a importância da imagem como um meio de expressão e construção de significado. Através da imagem, podemos transmitir mensagens, provocar reflexões e despertar sensibilidades de maneiras que vão além das palavras. Portanto, a ideia de "ouvir com os olhos" na educação pós-moderna implica em acolher e explorar a multiplicidade de linguagens e formas de expressão presentes na sociedade contemporânea, o que envolve, também, incentivar a alfabetização visual, a interpretação crítica de imagens e o uso consciente da linguagem visual como parte do processo educacional. Ao reconhecerem que a imagem possui um significado simbólico e comunicativo e dar importância à sua compreensão, as teorias educacionais na pós-modernidade buscam promover uma educação mais inclusiva, aberta e sensível às diversas formas de conhecimento e comunicação. Por conta disso, se não há mais um referente externo ou modelo a seguir, as pedagogias abrem espaços à singularidade do trabalho consigo mesmo, como assinala Camozzato:

Nas discussões sobre as pedagogias do presente atravessa um foco comum: elas estão centralmente articuladas às práticas sobre si. É preciso agir sobre si mesmo para que os discursos sejam implementados. Há, desse modo, uma dupla articulação: de um lado, convocações para que os indivíduos ocupem determinadas posições-de-sujeito, atuando sobre si; de outro, a resposta a essas mesmas convocações mediante a adoção de práticas que associem os indivíduos aos saberes (2014, p. 587).

De acordo com a autora, as pedagogias atuais estão intrinsecamente ligadas às práticas de autocuidado e autogestão. Também os discursos educacionais só se concretizam por meio da ação individual, do engajamento pessoal e da autotransformação. Desse modo, uma característica fundamental das pedagogias do presente, no ambiente da pós-modernidade, é a ênfase na singularidade e na autotransformação. Com o declínio do referente externo ou modelo fixo a ser seguido, a pedagogia abre espaço para uma abordagem que valoriza a autoria, a singularidade e a ação sobre si mesmo. Em vez de enfatizar a assimilação passiva de conhecimento, própria do pastoreio (FOUCAULT, 2008), a pedagogia do autocuidado enfoca a responsabilidade do indivíduo em sua própria formação. Essa perspectiva reconhece a importância da agência do sujeito na construção de seu conhecimento e desenvolvimento pessoal.

Assim como Hall se debruça sobre casos da cultura popular contemporânea, como a publicidade, que utiliza modelos negros, nesse texto é destacada a perspectiva do "governo de si", própria das pedagogias do presente, em relação à visita de Michel Maffesoli a um terreiro de Umbanda durante sua palestra na Pontifícia Universidade Católica (PUCRS) em Porto Alegre. A imagem da visita despertou o interesse da imprensa, e o jornal Zero Hora dedicou uma meia página destacando o evento, incluindo uma imagem do professor no local.

Figura 1: A presença do sociólogo Michel Maffesoli em uma cerimônia religiosa de Umbanda em Porto Alegre foi documentada pelo Jornal Zero Hora .



Fonte: Netto (2004)

Essa notícia tem um significado relevante relacionado ao tema que estamos discutindo. A presença do sociólogo nesse evento representa uma ruptura com a norma, chamando a atenção da imprensa e destacando a imagem de um intelectual europeu participando de uma cerimônia da Umbanda, uma religião historicamente marginalizada e discriminada no Brasil. A imagem revela uma valorização da religião de raiz africana e uma atenção às margens e periferias da sociedade, dando visibilidade a grupos e práticas culturais que muitas vezes são excluídos do *mainstream*. Maffesoli, ao participar dessa cerimônia religiosa, demonstra uma postura de abertura e respeito às diferenças culturais, desafiando

perspectivas hegemônicas e promovendo uma compreensão mais ampla da diversidade religiosa.

A visita de Maffesoli à manifestação religiosa também indica um interesse no autocuidado espiritual e na valorização da espiritualidade pessoal. Ao escolher participar desse evento em vez de visitar pontos turísticos ou instituições mais tradicionais, o sociólogo mostra um compromisso em se envolver com práticas e experiências que vão além do que é considerado convencional ou dominante. Essa imagem pode ser interpretada ainda no contexto das mudanças proporcionadas pela era digital e pelas tecnologias de comunicação, em que a cultura e a imagem desempenham um papel fundamental. A participação de Maffesoli nessa cerimônia representa a preocupação do intelectual pós-moderno em ampliar a atenção para os grupos marginalizados e emergentes, como os pobres e excluídos socialmente.

Além disso, ela oferece uma oportunidade intrigante de explorar a conexão entre as pedagogias do autogoverno ou pedagogias do presente e a cultura popular contemporânea no ambiente da pós-modernidade. E ainda, pode ser vista como um ato de "governo de si", uma vez que Maffesoli, como intelectual, se envolveu em uma experiência que o levou a explorar e compreender melhor uma manifestação cultural própria das pedagogias do presente, que enfatizam a aprendizagem por meio da experiência e do envolvimento direto com as questões culturais e sociais contemporâneas. Essas pedagogias encorajaram os indivíduos a se envolverem ativamente com o mundo ao seu redor, questionando, refletindo e reconstruindo constantemente suas "identificações", como salienta o próprio Maffesoli (2007).

Essa visita não apenas ilustra o conceito de "governo de si", mas também referenda como a cultura popular e as práticas culturais podem ser interligadas com o mundo acadêmico e as

discussões sobre identidade e representação. A presença da imprensa, que dedicou espaço específico à visita de Maffesoli, enfatiza como essa interação (entre o mundo acadêmico e a cultura popular contemporânea) pode ser extremamente divulgada e influente. Isso também ressalta a importância da representação na mídia e como as imagens desempenham um papel fundamental na formação da opinião pública e na construção de identificações. A imagem do professor visitando “a casa dos orixás” não apenas documenta o evento, mas também molda a percepção pública de sua atitude de aprendizado e de sua disposição para se envolver com práticas culturais diversas.

CONCLUSÕES

A complexa relação entre as imagens e a cultura, como delineada ao longo deste percurso, revela uma profunda influência nas representações visuais da nossa vida e na formação da nossa compreensão do mundo. Desde os antigos gregos até a era pós-moderna, as imagens transitaram de simples espelhos da realidade para signos carregados de significado cultural, capazes de moldar nossas percepções, identificações e valores. Como resultado, uma análise crítica das imagens e de sua intertextualidade se torna essencial para desafiar estereótipos, preconceitos e desigualdades, bem como para compreender a dinâmica cultural e social de nossa época. Nesse contexto, a formação humana e o processo de construção do conhecimento não podem mais ser pensados sem levar em consideração a centralidade das imagens.

Na perspectiva dos Estudos Culturais, a pós-modernidade apresenta desafios distintos em relação ao uso da imagem, libertando-a de sua dependência ontoteológica. Com a sua inclusão nas redes de produção, circulação e consumo, impulsionada pelas tecnologias digitais e redes sociais, ocorrem transformações significativas. Essas mudanças têm levado a uma maior democratização na criação e disseminação de imagens, permitindo

que pessoas comuns se tornem produtoras e disseminadoras de conteúdo visual. Nesse contexto, é compreensível que as pessoas busquem orientação em influenciadores digitais e especialistas em redes sociais, cujo discurso costuma ser mais acessível e compreensível do que o dos especialistas tradicionais. No entanto, é fundamental lembrar que a busca pelo conhecimento não deve se limitar apenas aos influenciadores e "tudólogos". É necessário valorizar a formação acadêmica e a expertise dos especialistas em diferentes áreas, que possuem um conhecimento aprofundado e crítico sobre os assuntos abordados. E ainda, é essencial desenvolver habilidades críticas de leitura e interpretação de imagens, a fim de não se deixar influenciar por discursos simplistas ou manipulativos.

Ao refletir sobre a capacidade intrínseca da imagem de transmitir significados e sua relevância na formação humana, a filosofia da educação pode questionar como a cultura visual contemporânea afeta a compreensão da realidade e a construção do conhecimento, assim como incentivam as práticas pedagógicas na educação dos educandos e educadores. A filosofia da educação pode abordar o "horizonte do desejável" na educação, refletindo sobre os objetivos da formação humana na contemporaneidade e sua preocupação com as pedagogias do "governo de si". A visita de Michel Maffesoli a um local de culto aos orixás em Porto Alegre fornece um caso típico de como as pedagogias do autogoverno e do presente podem se manifestar na prática no ambiente da pós-modernidade. Ela destaca a importância da experiência, da representação e da interconexão entre o mundo acadêmico e a cultura popular contemporânea na construção de identificações e na compreensão da sociedade em constante transformação.

Nesse sentido, se a pedagogia moderna se concentra na alfabetização em leitura e escrita, é importante ampliar essa noção para incluir outras habilidades e conhecimentos culturais relevantes na sociedade atual, como a competência na leitura crítica de imagens

e a compreensão dos meios de comunicação de massa. Ademais, é necessário compreender como os mecanismos de cooptação mental por meio do poder da imagem funcionam, o que requer uma análise cuidadosa dos elementos visuais, técnicas de manipulação, associações emocionais e contexto comunicacional em que as imagens são apresentadas. Para desenvolver esse alfabetismo crítico, é importante focar em casos concretos, como anúncios impressos, que de forma provocativa demonstram a necessidade de expandir as habilidades cognitivas e o alfabetismo para sobreviver ao impacto das imagens, mensagens e espetáculos midiáticos que inundam nossa cultura.

O objetivo final do alfabetismo crítico em relação à mídia, à luz dos Estudos Culturais, é capacitar os indivíduos a se tornarem mais autônomos e capazes de se libertar das formas contemporâneas de dominação. Tal assertiva implica no desenvolvimento de habilidades críticas que permitam compreender e questionar a mídia e outras formas de cultura, além de se envolverem de maneira mais ativa e consciente em processos de transformação social. É fundamental reconhecer que o conceito de imagem não deve apenas passar da condição de sujeição ontoteológica para a servidão mercadológica, como proposto na concepção clássica. Mas, também, valorizar a autonomia da imagem em relação aos sistemas de controle e autoridade, o que demanda um profundo questionamento à forma como as plataformas digitais estão gerindo as redes sociais e os nossos dados.

Um aspecto importante a ser considerado é o impacto dos aspectos subjetivos e culturais na educação. A publicidade muitas vezes utiliza imagens de mulheres seminuas para atrair a atenção dos consumidores, transformando-as em objetos sexuais e reduzindo-as a partes isoladas do corpo. Essa prática reforça estereótipos de gênero, perpetuando a submissão das mulheres e a dominação dos homens, ignorando as lutas históricas das mulheres por igualdade de

direitos e oportunidades. A objetificação das mulheres na publicidade desconsidera suas dimensões humanas, sociais e culturais, tratando-as como meros objetos inanimados, contribuindo para a naturalização e reificação das desigualdades de gênero, apresentando-as como normais e inevitáveis.

No contexto da filosofia da educação, é importante examinar como a predominância das imagens pode levar à superficialidade na percepção e interpretação do mundo, bem como enfraquecer a capacidade crítica. No entanto, é necessário reconhecer que a autonomia da imagem na pós-modernidade pode ser entendida como sua capacidade de se libertar das restrições tradicionais impostas pelos sistemas de controle e autoridade. A imagem se torna um meio de expressão individual e coletiva, com a possibilidade de desafiar narrativas dominantes e contestar estruturas de poder estabelecidas. Dessa forma, é fundamental repensar não apenas o "como" educar, mas também o "para quê" educar, considerando o que é vivido pelo navegante conectado na cultura visual e buscando promover uma educação crítica e pluralista.

REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1998.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Entre a pedagogia legisladora e as pedagogias intérpretes. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 61, p. 501-520, abr.-jun. 2015.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Pedagogias do presente. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 573-593, abr./jun. 2014.

DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia**. Campinas, SP: Papirus, 1991.



FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdad y método I**. Fundamentos de uma hermenêutica filosófica. 6ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1996.

GALLO, Sílvio. **Pesquisa em educação: o debate modernidade e pós-modernidade**. Pesquisa em Educação Ambiental, vol. 3, n. 1 – pp. 33-58, 2008.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LEMERT, Charles. **O pós-modernismo não é o que você pensa**. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.

KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomás Tadeu. **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis RJ: vozes, 2011, p. 121-128.

MAFFESOLI, Michel Tribalismo pós-moderno: Da identidade às identificações. **Ciências Sociais**. Unisinos, vol. 43, núm. 1, janeiro-abril, 2007, pp. 97-102 Universidade do Vale do Rio dos Sinos São Leopoldo, Brasil.

NETTO, Andrei. Um pensador na Umbanda. O francês Michel Maffesoli participou de cerimônia religiosa em Porto Alegre. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, RS, 20/09/2004.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TORO, Alfonso de. Entrevista: A pós-modernidade é um Renascimento ressignificado. Ricardo Machado e Andriolli Costa (Tradução: André Langer). **IHU-On-line**, edição 445, 09 de junho de 2014. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5531-alfonso-de-toro>. Acesso em: 30 mai. 2023.

Recebido em 01 de junho de 2023.

Aprovado em 07 de setembro de /2023.